

**OS CORPOS DÓCEIS MAÇÔNICOS:  
A disciplina do século XVIII aplicada ao maçom do século XXI**

(THE MASONIC DOCILE BODIES:

The discipline of the 18th Century applied to the freemason of the 21st Century)

Carlos Bruno Vinhais <sup>1</sup>

**Resumo**

O objetivo desse artigo é analisar se as categorias presentes no conceito de Disciplina elaborado por Michel Foucault estão presentes no Rito Escocês Antigo e Aceito. Para enfrentar essa questão analisamos o Ritual Maçônico de 1804 buscando identificar quais as categorias da terceira parte do livro Vigiar e Punir poderiam ser identificadas naquele ritual. Nesse artigo apresentamos alguns elementos do pensamento disciplinar que emergiu no século XVIII presentes no Rito Escocês Antigo e Aceito.

**Palavras-chaves:** Disciplina; Foucault; Maçonaria; Ritual.

**Abstract**

The objective of this article is to analyze if the categories present in the concept of Discipline elaborated by Michel Foucault are present in the Old and Accepted Scottish Rite. To face this question we analyze the Masonic Ritual of 1804 seeking to identify which categories of the third part of the book Discipline and Punish could be identified in that ritual. In this article we present some elements of the disciplinary thinking that emerged in the eighteenth century present in the Ancient and Accepted Scottish Rite.

**Keywords:** Discipline; Foucault; Masonry; Ritual.

<sup>1</sup> Carlos Bruno Vinhais é Bacharel em Ciências Sociais pela UERJ (2009) e tem Mestrado em Administração Pública e Governo pela FGV (2015). E-mail: [carlos.vinhais@yahoo.com.br](mailto:carlos.vinhais@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

A maçonaria comemora em 2017 os 300 anos de fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra, considerada o marco inicial da maçonaria especulativa mundial. No Brasil, o Grande Oriente do Brasil completa 195 anos de fundação. Sem dúvida, ao longo de todos esses anos algumas práticas caíram em desuso, enquanto outras permanecem no cotidiano de milhões de maçons espalhados pelo mundo. Algumas delas, conhecidas como *Landmarks*, seriam necessárias para reconhecer uma organização maçônica como regular.

Essa organização nascida no século XVIII sofreu a influência de sua época, conforme nos ensina Barata (2006, p.26), "mas se a maçonaria moderna foi uma invenção escocesa, segundo Stevenson, no início do século XVIII, algumas inovações e adaptações foram introduzidas na Inglaterra com o objetivo de adequá-la ao novo clima intelectual propiciado pelo pensamento das Luzes".

Entre as variadas influências, nosso recorte será analisar como o processo de disciplina analisado por Foucault (2004) em *Vigiar e Punir* se apresenta no ritual maçônico. Para tanto, vamos analisar as categorias descritas na terceira parte de seu livro e tentar identificar como o conceito de disciplina do século XVIII aparece no ritual maçônico.

Desse modo, nosso objetivo será analisar de que modo o pensamento do século XVIII influenciou a elaboração do ritual maçônico.

Essa análise nos parece justificada, pois a Ordem Maçônica encontra-se no século XXI, quando já se fala de uma nova era, que irá superar a era digital, e, após a análise do ritual, poderemos encontrar nele um modo de pensar que é típico do século XVIII, ainda durante a Revolução Industrial. Não é objeto desse estudo, mas certamente é uma provocação e uma reflexão necessária pensar se os conceitos de disciplina presente no ritual maçônico serão capazes de dialogar com a geração pós Era Digital.

*Vigiar e Punir* (2004) é uma análise sobre os meios de coerção e suplício, meio de disciplina e aprisionamento do ser humano, destacando o lado social e político da pena imposta como forma de controle social, em especial, nos regimes monárquico. A obra é dividida em quatro partes e analisa a punição como um processo de sofrimento físico aplicado brutalmente ao corpo dos condenados, como forma de legitimação do sistema enquanto poder de controle do

Estado sobre as populações. O autor narra a ação dos reformadores dos séculos XVIII e XIX que buscaram interromper as cerimônias de suplício, mudando a lógica da mera vingança do soberano para a defesa da sociedade burguesa.

Foucault sustenta a tese de que a substituição das penas corporais por meios menos sanguinários não constitui senão um subproduto da emergência de um novo tipo de sociedade, por ele chamada de "disciplinar", que seria correlata ao modo de produção capitalista (OLIVEIRA, 2011, p.311).

Desse modo, percebemos uma relação importante entre a disciplina e o processo histórico de surgimento de uma nova sociedade que será organizada tendo como base a produção capitalista, e o trabalhador da cidade que deixa a corporação de ofício e o trabalho artesanal para atuar nas fábricas.

Podemos afirmar que disciplina para Foucault (2004, p.118) são "esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as 'disciplinas'".

Em seu livro, o autor descreve e analisa a disciplina mantida nas prisões como uma ação voltada para moldar os corpos, inseridas em um processo de docilização para submissão da vontade e controle da energia do indivíduo, sendo essas forças canalizadas para uma lógica de utilidade. O adestramento da prisão se assemelha ao adestramento dos seminários, dos quartéis ou das escolas onde a divisão do tempo é um forte aliado neste processo de sujeição. As ordens religiosas foram as grandes especialistas na lógica dos ritmos e das atividades regulares de modo que o corpo dócil que deve ficar concentrado, sem ociosidade ou distrações.

## 2. Metodologia

Assim, para realizar esse estudo utilizaremos as categorias propostas por Foucault (2004) em *Vigiar e Punir* e vamos analisar o ritual de aprendiz maçom de 1804, disponível na oficina de restauração do REAA (<http://www.oficina-reaa.org.br>). Acesso em 11/06/2017). A opção pelo ritual de aprendiz de 1804 se

dá por dois motivos:

Em primeiro, por causa de sua proximidade com o momento histórico que está sendo analisado por Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*.

Em segundo lugar, um problema importante a ser trabalhando antes de iniciar nosso artigo é a relação entre o ritual maçônico e segredo. Vamos preservar ao máximo o texto maçônico, mas devemos lembrar que esse ritual de 1804 não está mais em uso pelas Lojas Maçônicas. Desse modo, acreditamos estar respeitando a peculiaridade dessa organização.

Superada essa questão, podemos afirmar que metodologicamente nosso estudo pode ser enquadrado como uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Desse modo, nosso objetivo é iniciar um diálogo entre a literatura de Foucault e o ritual maçônico para compreender se é possível encontrar pontos de contato entre as categorias do autor e as práticas ritualísticas maçônicas, em especial o Rito Escocês Antigo e Aceito.

Para realizar a análise de conteúdo, iremos utilizar a técnica de Análise Categorical de Conteúdo (BARDIN, 1977). Desse modo realizaremos o processo de leitura flutuante do Ritual de 1804, mas sem a pretensão de definir as categorias de análise, pois as mesmas são apriorísticas tendo em vista que elas serão extraídas do livro *Vigiar e Punir* (2004), quais sejam: Arte de Distribuição; O Controle da Atividade; Organização das gêneses; Composição das forças; Vigilância Hierárquica; Sanção Normalizadora e O Exame.

Finalmente, iremos buscar novamente no tex-

to unidades de análise temática, ou seja, o estudo se apontao valor informacional da mensagem, os argumentos e ideias expressas, para identificar elementos textuais que se enquadrem nas categorias elaboradas por Foucault (2004). Claudinei (2004, p. 613) nos ensina que “o evidenciamento das unidades de análise temáticas, que são recortes do texto, consegue-se segundo um processo dinâmico e indutivo de atenção ora concreta a mensagem explícita, ora as significações não aparentes do contexto”.

A partir desse processo faremos inferências dessas unidades, tentando aproximá-las das categorias propostas em *Vigiar e Punir*.

Nossa hipótese é que na leitura do ritual maçônico de 1804 poderão ser encontrados elementos textuais que se inserem nas categorias pensadas por Foucault em *Vigiar e Punir*. Ou seja, o ritual maçônico é um produto e um agente do processo de disciplinar os corpos e torná-los úteis. Foucault (2004, p.199) nos pergunta: “Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?”

Ou seja, esperamos encontrar pontos convergentes entre a ritualística maçônica de 1804 e o processo de disciplina como pensado por Foucault.

### 3. Análise: Terceira parte do livro - Disciplina

Na terceira parte de seu livro, chamada “Disciplina”, Foucault divide a análise desse processo em dois capítulos: O primeiro, “Os corpos dóceis” e o segundo, “Os recursos para o bom adestramento”. Nesse momento, vamos nos deter em analisar as categorias propostas nesses capítulos tentando identificar correlações com o ritual maçônico de 1804.

O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi a menção de Foucault à Frederico II:

Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo: eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder: obsessão de Frederico II, rei minucioso das pequenas máquinas, dos regimentos bem treinados e dos longos exercícios (FOUCAULT, 2004, p.118).

Isso porque faz parte de uma “crença” maçô-

nica que o Rei Prussiano seria o autor das Constituições Maçônicas de 1786. A princípio, nos parece uma simples coincidência, mas é relevante que o autor tenha identificado uma obsessão disciplinadora de um monarca que é associado à uma Constituição Maçônica.

### 3.1. Capítulo I – Os corpos dóceis

#### 3.1.1. Arte de Distribuição

Avançando na leitura do texto, vamos nos deter na primeira divisão do primeiro capítulo: Arte de Distribuição.

Para se produzir um corpo dócil é necessária a distribuição no espaço, onde cada um ocupe um lugar específico e dele se possa tirar o máximo proveito do indivíduo. O modelo arquitetônico são os conventos e os mosteiros, o isolamento, dos espaços individuais que são catalogados, numerados e identificáveis no espaço. Seja no seminário, nas escolas, nas prisões ou nas fábricas os corpos são distribuídos de maneira a regular. Existe o lugar correto para cada atividade, cada coisa em seu lugar, cada estudante em sua carteira, cada trabalhador no local definido na linha de montagem. Tudo isso para garantir o uso eficiente do espaço, para permitir a organização da hierarquia e impor ordem. A massa disforme torna-se um corpo de trabalho eficiente.

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração (FOUCAULT, 2004, p.123).

Ao observarmos o Ritual de 1804 chama atenção imediatamente que no Templo Maçônico a posição de cada oficial é definida. Não apresenta apenas a decoração ou os utensílios que serão utilizados durante a reunião, mas retrata uma figura que descreve a posição exata que cada oficial deve ocupar no Templo. Não deixa de ser uma descrição exaustiva, visto

que são 15 ofícios, mas, além disso, descreve a posição em que devem ficar os maçons do primeiro grau (Aprendizes) e os maçons do segundo grau (Companheiros).

Outro ponto interessante é a circulação em Loja. De fato não é permitida a circulação livre dos maçons durante a sessão (REAA, 1804, pág. 15). Logo no início dos trabalhos o presidente da sessão avisa que não é possível falar ou mudar de lugar sem obter permissão dos vigilantes (nome dos oficiais responsáveis pelo comando da sessão, junto com o presidente). Além disso, essa mudança de lugar não é permitida aos Aprendizes e aos Companheiros, tampouco um oficial de Loja pode se sentar em local diferente daquele previamente designado.

De modo semelhante, ocorrem dois momentos em que o ritual prevê a circulação. O primeiro se chama de SACO DAS PROPOSIÇÕES e o segundo se chama TRONCO DE BENEFICÊNCIA, ambos os casos o Ritual prevê uma forma correta dessa circulação que é feita por dois Oficiais já designados pela ritualística.

Retomando o pensamento de Foucault (2004), o autor percebe também que a arte de distribuição permite organizar os indivíduos em classes, que facilita a recompensa, a vigilância e a punição. A categorização dos indivíduos tem por finalidade permitir o trabalho coletivo, criando espaços complexos, hierárquicos e funcionais, criando assim um “quadro” que permite distribuir, analisar e controlar. Uma Loja Maçônica parece organizada nessa lógica de distribuição, onde cada categoria de maçom deve ocupar um determinado lugar segundo sua hierarquia.

#### 3.1.2. O Controle da Atividade

Passamos então para a segunda divisão do primeiro capítulo: O Controle da Atividade.

As disciplinas devem ser entendidas como um método de acumular o tempo, garantindo a qualidade do mesmo, controlando e fiscalizando a anulação de tudo o que possa distrair ou divertir, tornando todo o esforço empregado em um tempo integralmente útil, pois durante o exercício, seja na fábrica ou na escola, o corpo deve ficar integralmente aplicado. Para isso, deve-se dividir a duração de uma atividade em partes, segmentos ou sequências, completamente separadas uma das outras e bem definidas. Depois, se organiza essas partes de acordo com um planejamento analítico. Finalmente, se determina uma forma de

aferir se o indivíduo atingiu o nível desejado, para com isso estabelecer para cada um, de acordo com seu nível, um determinado papel.

Essa divisão das tarefas torna possível a formação de uma máquina de peças múltiplas para obter um resultado específico. Não interessa para a constituição perfeita da máquina a coragem ou a força de um corpo específico, mas o lugar que ele ocupa, a sua regularidade e seu ordenamento. Desse modo, a combinação dos corpos dóceis através da disciplina transforma o tempo individual em um tempo composto, extraíndo de cada um uma quantidade de recursos eficiente a para combiná-los em um resultado desejado.

Observando o ritual de 1804, percebemos que toda a reunião maçônica é absolutamente determinada previamente. A sessão é dividida em partes: Entrada, abertura, iniciação, Saco das proposições, Tronco de Beneficência, Palavra a bem da ordem em geral ou da Loja em particular, Instrução e Fechamento. Cada uma dessas partes é organizada minuciosamente e cada oficial tem um papel previamente definido a ser desempenhado, seja através da leitura, circulação, alguma determinada atividade. Cada uma dessas ações devem ser executadas exatamente como previstas no ritual. Desse modo, é facilmente percebido que cada uma das atividades tem um tempo, se não expressamente previsto, pelo menos muito bem estimado. Cada uma dessas atividades possui uma finalidade específica sendo que o desempenho de cada um dos maçons será organizado de modo a alcançar o resultado esperado.

Outra percepção de tempo pode ser extraída da abertura e fechamento da Loja. Na abertura há indicação de uma hora específica quando os aprendizes começam a trabalhar e no fechamento há indicação de uma hora específica quando os mesmos encerram suas atividades. Durante esse tempo os maçons devem trabalhar para resultar em “honra e proveito” para o presidente da Loja.

Foucault (2004, p.130) entende que “No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil”. Um maçom sabe que é importante “trabalhar” durante a sessão, ou seja, ocupar um cargo de oficial para fazer parte das atividades previstas. Não é raro ouvir de um maçom, que numa sessão ordinária ficaria sentado sem uma atribuição específica, apenas participando no momento indicado que permite sua fala, quando o titular do cargo oficial falta à sessão, e o mesmo é

convidado a ocupar aquele lugar “ad hoc”, que ele “está presente para trabalhar”. É relevante ser convidado para ocupar um lugar determinado e executar o ritual previsto, pois ser útil é o objetivo do corpo dócil.

Para o autor, cada gesto durante o exercício deve ser realizado de modo meticuloso e treinado à exaustão para extrair dele o melhor resultado no tempo empregado. Do mesmo modo Foucault (2004) aponta que o corpo disciplinado exerce uma “articulação” com os objetos do exercício a fim de extrair uma perfeita engrenagem, construindo um “complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo - máquina” (FOUCAULT, 2004, p. 130). No REAA 1804 podemos observar a descrição do uso de determinados objetos ritualístico, inclusive a correta posição das mãos e a seqüência ordenado do uso que deve ser realizado do objeto, em especial está descrito o modo de utilização do Saco de proposições (REAA 1804, pág. 38) e do Tronco de Beneficência (REAA 1804, pág. 39).

### 3.1.3. Organização das gêneses

Nesse ponto, passaremos a analisar a próxima parte do Capítulo intitulada “Organização das gêneses”. Nessa parte Foucault (2004) discute a organização do espaço e do tempo que produz à acumulação de saberes e também dominação e sujeição. O indivíduo no processo de se tornar dócil passa por diversas etapas sendo todo o processo dividido em partes. Em cada parte deve ser medido o desempenho do indivíduo por provas, e o mesmo deve ser melhorado através exercícios e treinamentos constantes.

O avanço nas etapas deve ser marcado pela aplicação de provas que possuem a tríplice função de indicar se o indivíduo atingiu o nível estatutário, de garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros e diferenciar as capacidades de cada indivíduo. Mas a formação é um processo sem uma conclusão no horizonte do indivíduo dócil, desde os conteúdos mais simples até os mais complexos há sempre algo a se aprender. O poder disciplinar acumula-se na repetição e o indivíduo avança sempre na direção de uma maximização de sua utilidade e eficiente.

E isto por quatro processos, que a organização militar mostra com toda a clareza.

Primeiro, dividir a duração em segmentos. En-

sinar a postura, depois a marcha, depois o manejo das armas, depois o tiro, passando a uma próxima atividade apenas se a anterior estiver com um desempenho desejável.

Após, deve-se organizar essas sequências, combinando-se segundo uma complexidade crescente.

Cada segmento temporal deve ser finalizado, fixando-lhes um termo marcado por uma prova, que tem a tríplice função de indicar se o indivíduo atingiu o nível estatutário, de garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros, e diferenciar as capacidades de cada indivíduo.

Finalmente, deve se estabelecer séries de séries; prescrever a cada um os exercícios que lhe convêm; os exercícios comuns têm um papel diferenciador e cada diferença comporta exercícios específicos. Ao termo de cada série, começam outras, de maneira que cada indivíduo se encontra preso numa série temporal, que define especificamente seu nível ou sua categoria.

Analisar simplesmente o ritual de Aprendiz do REAA de 1804 não nos permite inferir se essa categoria proposta pelo autor existe na Ordem Maçônica. Porém, podemos afirmar que há 3 categorias de maçons de acordo com o Ritual: Aprendizes, Companheiros e Mestres. Existe um procedimento de Instrução que está detalhado no Ritual, mas não há detalhes de como ocorre o aprendizado ou a passagem entre os graus. Entretanto, podemos afirmar que o neófito passa por provas descritas no ritual para ingressar na organização. Superada tais provas previstas no REAA de 1804 o candidato se torna um Aprendiz Maçom.

Além disso, na página 38 o presidente ao se dirigir ao novo maçom diz que o progresso na caminhada na ordem se dará pelas provas de zelo que o Irmão apresentar. Não resta dúvida que há um sistema de provas e recompensas para se avançar durante o processo maçônico de aprendizado.

Por outro lado, como já foi dito, podemos nos valer de nossa experiência com as práticas atuais de maçons do REAA para detalhar um pouco mais esse processo de acumulação de saberes e provas.

Em primeiro lugar, os maçons aprendizes são instruídos por um determinado Oficial de Loja. Normalmente, as Lojas distribuem cadernos com as instruções que devem ser memorizadas ou transforma-

das em trabalhos para serem apresentados nas sessões e aprovados pelos Mestres para permitir que se avance na hierarquia.

Em segundo lugar, entre os graus também pode se dizer que há um aumento da complexidade do que é ensinado, bem como há, de fato, uma expectativa que na medida em que o maçom se torna mais experiente ele deve passar a ocupar cargos distintos entre os oficiais de Loja. Assim, é comum que mestres maçons novos ocupem cargos de oficiais com menos complexidade até que ele possa ocupar a posição de venerável (presidente da Loja).

Finalmente, é interessante notar que uma das possíveis origens da Maçonaria Especulativa foram as corporações de ofício. Porém, Foucault percebe que o modo de formação dos iniciados nas corporações de ofício foi substituído pelo tempo disciplinar.

O tempo "iniciático" da formação tradicional (tempo global, controlado só pelo mestre, sancionado por uma única prova) foi substituído pelo tempo disciplinar com suas séries múltiplas e progressivas. Forma-se toda uma pedagogia analítica, muito minuciosa (decompõe até aos mais simples elementos a matéria de ensino, hierarquiza no maior número possível de graus cada fase do progresso) e também muito precoce em sua história (antecipa largamente as análises genéticas dos ideólogos dos quais aparece como o modelo técnico) (FOUCAULT, 2004, p. 135).

Ou seja, não há uma prova única, uma obra prima, para o Aprendiz maçom chegar ao topo da hierarquia, mas uma série de trabalhos e provas devem ser apresentados e avaliados ao longo do caminho.

Percebe-se que o REAA de 1804 já dividia a Ordem em 3 séries progressivas (Aprendiz, Companheiro e Mestres), sem contar os outros 30 graus da maçonaria filosófica, demonstrando assim um grande número de fases que identifica e hierarquiza o progresso do maçom. De modo que o ritual de 1804 parece estar muito mais ligado à disciplina do século XVIII do que às práticas iniciáticas das corporações de ofício.

### 3.1.4. Composição das forças

Encerrando primeiro capítulo, Foucault trabalha o conceito de Composição das forças.

Nesse ponto, todo o treinamento e exercício convergem à composição de forças para gerar o máximo de eficiência. Aquela massa sem forma de indivíduos se torna um corpo único pronto e aperfeiçoado. Transformado em uma máquina adequada para a guerra ou para a produção. A soma é maior que as partes. A composição das forças é uma proposta de constituir um meio produtivo que permitirá "compor forças para obter um aparelho eficiente" (Foucault, p. 138). Os indivíduos emergem como uma máquina multissegmentar, cuja função é a ação conjunta para maximizar seu rendimento.

O corpo do indivíduo torna-se uma parte de um todo maior onde ele se articula com outros através do lugar que ocupa, o intervalo que cobre, sua regularidade, e a ordem que opera seus deslocamentos. Nesse processo o tempo de uns ajusta-se ao tempo de outros de maneira que se possa extrair da máquina articulada a máxima força de cada corpo individual e combiná-los num resultado desejado.

A combinação das forças demanda um sistema de comando capaz de promover a ordenação dos corpos para determinar o comportamento individual desejado, respondendo a um pequeno mundo de sinais ligados a uma única resposta possível de cada um. Essa resposta única a cada tipo de sinal é precisamente a forma como cada corpo disciplinado precisa reagir para permitir que cada tempo individual esteja engrenado com os outros.

Essa engrenagem então se traduz, conforme categoria do autor, numa "tática". Isso nada mais é do que a "arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar" (Foucault, p. 141, 2004).

Nesse ponto, percebemos que está presente no ritual de 1804 um objetivo de organização dos indivíduos que compõe a Loja, para que, cada um conhecedor de seu lugar no Templo, exercitado nas práticas ritualísticas que são organizadas segundo uma ordem definida no tempo, possam alcançar um objetivo que individualmente seria impossível conseguir. De modo pragmático, observando estritamente o Ritual de 1804, podemos afirmar que um objetivo

central é a iniciação de novos adeptos. O ritual de iniciação, conforme descrito no Ritual de 1804, só poderá ser executado pela composição das forças individuais dos Maçons para aquele fim desejado.

O ritual, então, poderia ser descrito como a "tática" para a iniciação de novos maçons. Essa interpretação é possível, pois há a descrição de sinais que são feitos pelo presidente e oficiais da sessão para a execução de tarefas de modo que cada um reaja de uma maneira esperada e descrita pelo ritual. Como já foi discutido, o ritual precisa ser executado exatamente conforme foi escrito, traduzindo a disciplina dos corpos treinados e exercitados na prática maçônica.

### 3.2. Capítulo II – Os recursos para o bom adestramento

Superado o primeiro capítulo, vamos analisar o capítulo II, intitulado "Os recursos para o bom adestramento".

Segundo Foucault o adestramento não é utilizado para diminuir as forças, mas para multiplicá-las.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (FOUCAULT, 2004, p. 143).

Nessa etapa, serão analisadas as categorias de: Vigilância Hierárquica; A Sanção Normalizadora e o Exame.

#### 3.2.1. Vigilância Hierárquica

Na primeira categoria, o exercício da disciplina pressupõe técnicas que permitem induzir efeitos de poder através do olhar quando os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. O poder não está no centro de um círculo, mas é melhor representado por uma pirâmide onde cada um sabia seu lugar e ainda podia observar o andar de baixo. Seu funcionamento é uma rede de relações hierárquica, mas também que se organiza dentro de cada "nível" da estrutura.

Toda uma arquitetura foi organizada e cons-

truída para facilitar a observação do indivíduo. Para Foucault o ápice desse processo culmina com um único olhar capaz de tudo enxergar.

O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem. (Foucault, 2004, p. 146).

Vigiar, diferente do processo tradicional de controle do artesão nas fábricas do século XVIII e XIX, é uma tarefa especializada e parte integrante do processo produtivo com o objetivo de maximizar o lucro e controlar as despesas inúteis, evitando o desperdício. Mesmo na escola, o processo de vigilância se expande e aprimora para garantir o controle de grande número de alunos. A vigilância hierárquica é uma organização dos controles produzida pelas instituições disciplinares para permitir a visão microscópica do comportamento dos indivíduos.

Quando se analisa o Ritual de 1804 podemos observar diversos pontos de contato com essa categoria de Foucault. Em primeiro lugar, o título de dois oficiais é Vigilante.

É por demasiado explícito que os oficiais que devem organizar e dar ordens nas fileiras onde cada um se posiciona e repassam as orientações do presidente se chamem vigilantes. A hierarquia deles sobre os outros é evidente, pois são os únicos oficiais que acompanham o presidente quando entram no templo, todos em pé, certamente um sinal de respeito.

Mas não é somente isso. Cada vigilante e o presidente ficam localizados em um lugar elevado. O Venerável Mestre sobre três degraus, o Primeiro Vigilante sobre dois degraus e o Segundo Vigilante sobre um degrau, do mesmo modo que Foucault identificou como eram os refeitórios das escolas: "Nas salas de refeições, fora preparado um estrado um pouco alto para colocar as mesas dos inspetores dos estudos, para que eles possam ver todas as mesas dos alunos de suas divisões". (Foucault, p. 145, 2004).

Na página 14 do Ritual de 1804, durante a abertura da sessão, é dever dos vigilantes observar cada presente à sessão para verificar sua qualidade de

maçom. Além disso, não apenas os vigilantes tem esse dever, mas outro oficial de menor hierarquia, o Segundo Diácono, também é responsável pela vigilância dos maçons para garantir que estejam corretamente comportados em seus lugares. Por outro lado, cabe ainda a outro oficial, o Primeiro Diácono transmitir as ordens do Venerável Mestre para que os trabalhos sejam executados prontamente.

Além disso, existe um procedimento para garantir que os visitantes (maçons que queiram visitar a Loja) sejam, de fato, maçons, e nessa rodada de vigília, outros dois oficiais são responsáveis por essa observação, os Expertos e o Orador. Ademais, mesmo após esses oficiais permitirem a entrada deles no Templo, o Presidente da sessão ainda faz uma série de perguntas para garantir que não houve falhas na avaliação dos visitantes.

Mesmo que tudo isso já não fosse suficiente para descrever os pontos de contato da categoria descrita em Vigiar e Punir e o Ritual de 1804, ainda podemos utilizar outra simbologia importante para maçons e que é por demais aderente à categoria de Vigilância Hierárquica: O "Olho que tudo vê". Apesar de não constar no Ritual esse é um dos símbolos maçônico mais conhecido, mesmo pelos não iniciados. Trata-se de uma pirâmide onde no topo se encontra um grande olho aberto. Simboliza Deus e sua onisciência, segundo Lima e Silva (2003, p.34) "É o Verbo, o Logos, o Princípio Criador, o Grande Arquiteto do Universo, é a vigilância incessante do Grande Inspetor, que tudo criou e a tudo preside".

Ora, nos parece muito próximo do ideal do aparelho disciplinar perfeito.

### 3.2.2. Sanção Normalizadora

O próximo ponto é a Sanção Normalizadora. Enquanto se olha, também se cria um mecanismo penal, que escapa dos grandes sistemas de punição enquanto relativamente indiferente, para os comportamentos desviados da norma desejada, do modelo ideal de indivíduo. Um aparelho de micropenalidade forma em torno do indivíduo para penalizar qualquer desvio. Castigar nesse sistema é corrigir.

O universo da penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios, merece o castigo disciplinar para reduzir os desvios, não para o exercício da vingança. A punição, na disciplina, não passa de

um elemento de um sistema duplo: gratificação-sanção.

O professor deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais frequentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo. (Foucault, 2004, p. 150)

Diante desse sistema duplo, surge duas consequências: distribuição segundo as aptidões e submissão ao modelo. Os efeitos se dão por etapas: comparar os indivíduos, diferenciá-los, de acordo com suas qualidades, hierarquizar, coagir e traçar limites. Segundo Foucault (2004, p.151), "a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando. O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição".

No Ritual de 1804, também encontramos menção à punição quando alguma falta é observada, em especial o perjúrio. Nesse caso, a punição tem contorno de vingança pela quebra da Lei, mas, como ocorre a punição prevista ocorre apenas simbolicamente, visto que a punição só pode produzir efeitos dentro da Irmandade ela acaba se revestindo de uma humilhação diante dos olhares de outros maçons.

De outro modo, o sistema de recompensa certamente está presente, como já vimos, como um processo de progressão pelo qual cada maçom passa para subir de um grau para outro.

### 3.2.3. O Exame

Finalmente, o último ponto do capítulo é intitulado de " O Exame".

Essa categoria combina as técnicas da visão hierárquica com as sanções que normaliza. É um controle, uma vigilância, que permite quantificar, classificar e punir. O exame supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder. O Exame é uma avaliação normatizante que faz da individualidade um campo documentado e do indivíduo um objeto do conhecimento. Ou seja, os indivíduos se tornam um campo do saber destinado ao poder.

O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos. Enquanto que a prova com que terminava um aprendizado na tradição corporativa validava uma aptidão adquirida - a "obra-prima" autenticava uma transmissão de saber já feita - o exame e na escola uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre (FOUCAULT, 2004, p. 155).

Uma das consequências exame pode ser observada na individualidade do indivíduo. No exército, nos hospitais ou na escola, foram desenvolvidos métodos de registro e anotações com a finalidade de identificar e descrever a evolução, através de registros individuais efetuados pelo exame que transforma o indivíduo em um objeto descritivo e passível de análise.

O exame é uma forma de saber, no qual se desenvolvem relações de poder, que geram novas formas de saber-poder. Colocando em funcionamento as tecnologias do exame, toda um sistema de conhecimentos sobre o indivíduo é criado e sobre ele retornará como uma forma de poder normalizador. Na sociedade disciplinar o que é produzido pelo exame torna-se uma biblioteca organizada sobre os indivíduos, categorizadas numa rede de registros e de documentos sobre ele. Apenas com esse tipo de aparelhamento permitido pela prática continuada do exame, os indivíduos se tornam em objetos que permitem a elaboração de sistemas de comparação, caracterização e descrição de grupos e fenômenos.

Na sociedade disciplinada a individualização é descendente, o poder é mais anônimo enquanto aqueles sobre os quais o poder exerce sua dominação tornam-se mais individualizados.

Nesse ponto, a categoria exame não produziu muita aderência ao ritual de 1804. Não encontramos referências de um processo constante de medições e avaliações para produzir saber sobre os maçons, pelos seus superiores dentro de Loja.

De certo, essa categoria seria melhor aplicada em outro objeto, mesmo que dentro da maçonaria, como a relação entre as Lojas e os Grande Orientes que, esses sim, atualmente, exigem um quantidade

grande de informações sobre a vida dos maçons, desde o registro dos membros de sua família, profissão, até tipo sanguíneo, além de a cada etapa cumprida ser dever das Lojas informar o aumento de grau, a mudança de cargo, saída da Loja, morte, etc. Nada escapa ao controle do Grande Oriente.<sup>2</sup>

Ainda por fora do Ritual, poderíamos analisar o processo pelo qual passa o candidato que quer se tornar maçom. Esse também pode ser considerado um processo de individualização e categorização que depois será objeto de análise por parte da Loja e do Grande Oriente.

Mas, devemos reconhecer que essa categoria não foi encontrada explicitamente no ritual de 1804. O máximo que poderíamos fazer é reunir a voracidade de informações que são exigidas pelo Grande Oriente que é legitimada pela obediência que uma Loja maçônica deve à potência que se encontra prestando lealdade e que aparece no ritual de 1804 na página 33 quando para receber um novo Aprendiz o presidente da Loja encontra-se sobre os auspícios de uma grande Loja e de um Grão-Mestre. Ou seja, o processo de examinação constante que ocorre por intermédio da Loja que individualiza o maçom tem sua origem no Grande Oriente.

Ainda mais interessante é dialogar com essa categoria que prevê que o poder se torna mais anônimo e, como vimos, talvez o processo do exame seja afeito ao Grande Oriente pois é nele que reside o poder e portanto o ritual executado nas Lojas tal poder aparece de modo mais discreto, enquanto aqueles sobre os quais o poder exerce seu domínio estão sob evidência.

Na sociedade disciplinar o resultado do exame é um arquivo minucioso em nível dos corpos e dos dias. Seus mecanismos colocam o indivíduo numa rede de registros escritos e de acumulação documental. Graças a esse aparelho de registro estruturado pelo exame, o indivíduo passa a se constituir como objeto descritível e analisável. Essa objetivação do indivíduo permite a elaboração de sistemas de comparação, caracterização e descrição de grupos e fenômenos sociais (FOUCAULT, 2004, p. 160).

De fato, a ritualização está afeitada à Loja. Ao Grande Oriente está afeito o exame, o controle e a categorização. Mas esse pode ser outro objeto de estudo que não se encontra incluído nos objetivos desse artigo.

#### 4. Conclusão

Desse modo, concluindo, nos remetendo ao objetivo inicial, que era investigar se seria possível encontrar elementos textuais que se inserem nas categorias pensadas por Foucault em Vigiar e Punir no Rito Escocês Antigo e Aceito, podemos perceber que de fato existem pontos de contato entre a teoria de Foucault e a prática maçônica descrita no Ritual de 1804.

Certamente, o Ritual de 1804 e os rituais modernos não são tão diferentes e por isso é possível inferir que os mesmos pontos de contato, ou ainda outros, poderiam ser encontrados nos rituais de hoje. Porém, tendo em vista que os atuais encontram-se em uso e para melhor garantir a segurança do segredo desses rituais, utilizar uma fonte mais antiga nos pareceu apropriado.

Certamente, com a brevidade desse trabalho não é possível afirmar que os contatos entre a teoria de Foucault e prática maçônica se tornarão um empecilho para as próximas gerações da Era pós-digital, até mesmo por que esse não era nosso objetivo. Porém, como indicado no início desse trabalho, discutir a lógica da disciplina, produto das transformações históricas do século XVIII, inserida na ritualística maçônica nos parece uma importante reflexão a ser feita pela atual geração de maçons que estejam preocupados com o futuro da organização.

#### 5. Referências

- BARATA, A. M. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada & Independência do Brasil (1790-1822)*. São Paulo: Annablume, 2006.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

<sup>2</sup> Art. 3o - O Grande Oriente do Brasil, constituído como Federação indissolúvel dos Grandes Orientes dos Estados e do Distrito Federal, das Lojas Maçônicas Simbólicas e dos Triângulos, fundado em 17 de junho de 1822, é uma Instituição Maçônica com personalidade jurídica de direito privado, simbólica, regular, legal e legítima, sem fins lucrativos, com sede própria e foro no Distrito Federal na SGAS - Quadra 913 - Conjunto "H". Constituição do GOB, 2015.

CLAUDINEI, J. G. C. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *RevBrasEnferm*, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4

LIMA, T. A.; SILVA, M. N. Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 8/9. p. 9-54 (2000-2001). Editado em 2003.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

OLIVEIRA, L. Relendo "Vigiar e Punir". *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* - Vol. 4 - no 2 - ABR/MAI/JUN 2011 - pp. 309-338

Rito Escocês Antigo e Aceito. *Grau de Aprendiz Maçom*. <http://www.oficina-reaa.org.br>, Grau de Aprendiz, 1804.